

Graffiti como cultura de rua: quebrando o silêncio nas paredes de LondresJorge França de Farias Júnior¹**Resumo**

Esta pesquisa, iniciada na University of California – Los Angeles e aprimorada no University College London, busca fazer um diálogo entre linguística e antropologia, a fim de que entendamos como o grafite, entendido aqui como uma arte popular, busca combater a exclusão social. Este texto explica como a linguagem, expressa pela arte, constrói discursos ideológicos e identidades para comunidades específicas. Por meio desta arte popular, elabora-se uma manifestação cultural com ênfase na voz dos excluídos do sistema social - a presente noção é focar os espaços periféricos das ruas em que o grafite torna-se não apenas arte, mas também uma forma de falar. Nessa perspectiva, focarei a discussão no grafite, da cidade de Londres, por meio do qual jovens usam esta arte popular para expressar suas ideologias. Para isso, apresento, aqui, alguns exemplos, trazidos no livro *The Writing on the Wall*, escrito por Roger Perry, em 1976. O livro de Roger Perry é um antigo acervo fotográfico sobre graffiti em Londres e foi relançado em 2015.

Palavras-chave: Exclusão. Ideologia. Identidade. Linguagem. Grafite.

Graffiti as street culture: breaking the silence on London's walls

Abstract

This research, started at the University of California – Los Angeles and improved at the University College London, seeks to establish a dialogue between linguistics and anthropology, so that we understand how graffiti, understood here as a popular art, seeks to combat social exclusion. This text explains how language, expressed through art, constructs ideological discourses and identities for specific communities. Through this popular art, a cultural manifestation is elaborated with emphasis on the voice of those excluded from the social system - the present notion is to focus on the peripheral spaces of the streets where graffiti becomes not only art, but also a way of speaking. From this perspective, I will focus the discussion on graffiti, in the city of London, through which young people use this popular art to express their ideologies. For that, I present here some examples, brought in the book *The Writing on the Wall*, written by Roger Perry, in 1976. The book by Roger Perry is an old photographic collection about graffiti in London and was relaunched in 2015.

Keywords: Exclusion. Ideology. Identity. Language. Graffiti.

O popular vai à cultura

Por muito tempo, o termo linguístico “cultura” foi pensado, predominantemente, como algo formado apenas pelo “saber erudito especializado”, explicado pelo próprio saber educacional, político, filosófico, entre outros. Considerando-se que falar, por meio de linguagem coloquial ou mítica, era um atributo do *rap* de influência única (*speed-toasting*), com o objetivo de misturar ritmos cada vez com marcas de “agressividade” do *dub* de influência jamaicana no Reino Unido, a fim de descrever a violência de rua, das gangues. O *hip hop* do Reino Unido, particularmente aquele originado em Londres, foi substituído comercialmente pelo *grime*, embora, após um *boom* pós-milênio, esse gênero continue sendo um investimento bastante atualizado. Por conta disso, os produtores de *hip hop* vêm discutindo, cada vez mais, em suas letras os temas: violência, exclusão e desemprego, projeto de matriz político-social.

Tais discursos ideológicos influenciaram profundamente os artistas de *hip hop* no Reino Unido, a buscar a identificação com aspectos relacionados ao perfil empoderador e politicamente consciente deste ritmo, com raízes na literatura canônica, quebrando cânones, trazendo à discussão assuntos como linguagem, colonialismo e capitalismo por meio de temáticas acessíveis, versos que quebram estereótipos, estabelecendo uma *bricolagem* de batidas de *rap*, *rock*, *electro* e *punk*. Paralelamente a esse fenômeno, ao longo dos anos

¹ É Professor Associado III da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

1960-70, o grafite começa a ganhar força como uma arte popular, de jovens negros e latinos, ao buscarem se expressar não só como uma forma de lutar contra a exclusão social, mas, também, como uma forma mais fácil e rápida de atingir um público mais amplo através de suas ideologias.

A partir da perspectiva trazida no parágrafo acima, focarei a discussão aqui no graffiti em Londres, como arte popular, por meio da qual jovens, influenciados culturalmente pelos movimentos sociais negros, utilizam para expressar suas ideologias. Para isso, apresento aqui, alguns exemplos, trazidos no livro *The Writing on the Wall*, escrito por Roger Perry, em 1976. O livro de Roger Perry é um antigo acervo fotográfico sobre *graffiti* em Londres e foi relançado em 2015.

A cultura do *graffiti*, em Londres, nem sempre girou em torno de gráficos enormes e coloridos e passeios turísticos de arte na *Shoreditch Street*, por exemplo, nos permitem entender o espaço urbano londrino por meio de uma arte popular que se expressa pela língua escrita em processo que remete a uma metalinguagem. Vejamos:



Foto 1 - Crédito: Roger Perry

Quarenta anos atrás, logo após protestos em Paris, em 1968, mais propriamente, Londres foi inundada por uma onda de declarações poéticas e políticas,

rabiscos em muros, em edifícios, muitas vezes em ruínas, no notório bairro de *Notting Hill*, por exemplo, deixam registros de uma geração desiludida com pós-guerra. Roger Perry relembra que “Um de meus trabalhos se destaca para mim: uma longa conversa sobre a banalidade da vida suburbana”, escrita ao longo da linha metropolitana de *Hammersmith & City* - entre as estações *Ladbroke Grove* e *Westbourne Park* - à sombra de *Westway*. A foto abaixo, foi um esforço coletivo de *Dave Wise*, *Chris Gray*, *Don Smith* e *Madeline Neenan*, segundo Roger Perry, e foi feita antes os protestos de 1968, em janeiro daquele ano.

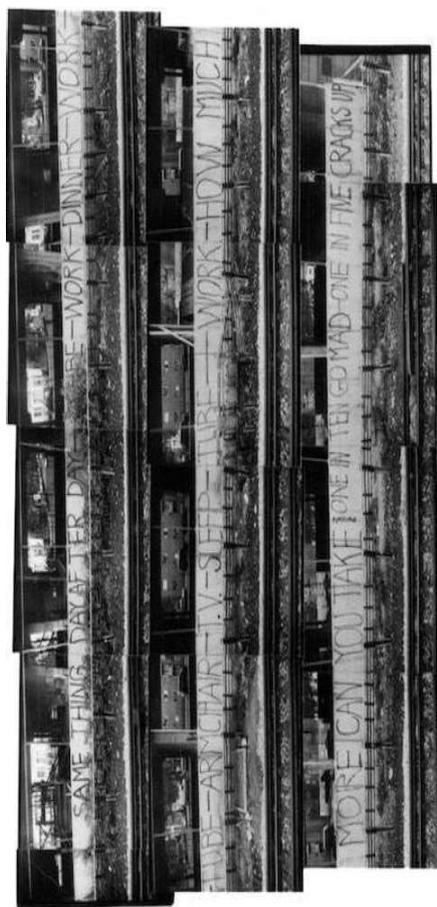


Foto 2 – Crédito: Roger Perry

Atualmente, a tradição do grafite, nos muros em torno das linhas de trem, está bem estabelecida e vem à tona a fim de demarcar os espaços urbanos da cidade de Londres. Segundo Roger Perry, os grafites nestes locais são transitórios, se dando em sobreposição de linguagens, entre camadas e mais camadas, de *tags* e *throw-ups* (um tipo de *tag* um pouco mais complexo), demarcando espaços em momentos no tempo e no espaço. Chama a atenção de Perry a escrita abaixo, próximo de uma estação de trem e tem conseguido resistir com o passar do tempo. Uma frase que carrega um tom de diálogo e de protesto ao sistema capitalista.

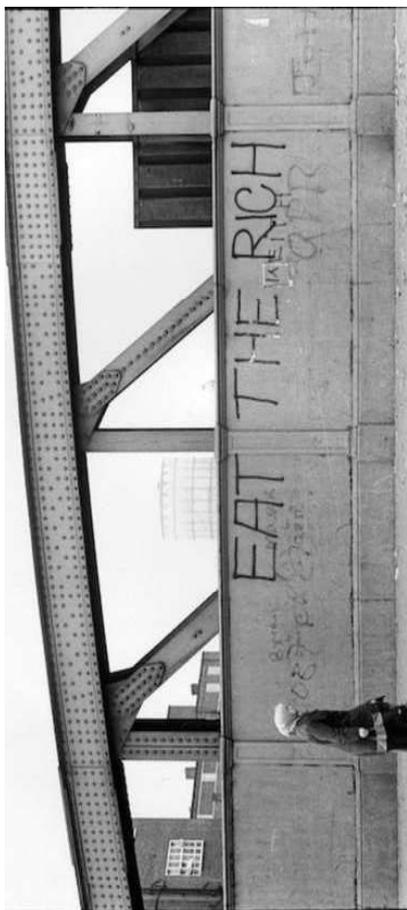


Foto 3 - Crédito: Roger Perry

A partir da perspectiva discutida acima, à medida que a arte popular rompe as fronteiras do espaço e do tempo, os discursos ideológicos do grafite passam de significados locais para significados globais. Em outras palavras, globalização, multiculturalismo, pós-modernidade, questões de gênero e raça, novas formas de comunicação, manifestações culturais de adolescentes e jovens, expressões culturais e religiosas de diferentes classes sociais, diversas formas de violência e exclusão social configuram novas cenas sociais, culturais e políticas, diferenciadas por meio da arte popular de interconexão das diver(cidades) dialógica que comunicam e expressam esses discursos ideológicos para qualquer lugar em que são expostos. Esses fenômenos se interpenetram em processos contínuos de hibridação e geram um novo núcleo ideológico por meio do qual a arte popular tenta se expressar como a arte do grafite. Fortalece uma expressão coletiva e espontânea de pessoas que, a todo momento, lutam por um processo de libertação contra a pobreza, o desemprego, a escravidão social e assim por diante.

De acordo com o livro de Perry, podemos notar que o estilo de Londres era diferente daquele que começou a despontar em Nova York na mesma época. Enquanto os trens de *Manhattan* eram cobertos de pichações com o tipo de estilo selvagem que se vê hoje nas vi-

trines das lojas de tênis, o foco dos artistas populares do grafite, da cidade de Londres, era a mensagem. Para Perry, a Londres atual retrata artistas como poetas, dramaturgos e políticos revolucionários. Em Londres, aqueles familiarizados com a cena emergente da época pós-guerra (não que houvesse realmente uma “cena”) conheceram o trabalho dos *Wise Brothers*.

Mas nem todo grafite dos anos 70 foi antagônico ou poético em sua execução. Como hoje, havia vários *taggers* prolíficos - não mais do que um artista conhecido como “Kix”, de *Kentish Town* (alguns de seus trabalhos do início dos anos 1970 sobrevivem até hoje).

Mesmo para quem não tem muito conhecimento sobre a arte do grafite, Lee “Kix” é bastante conhecido em Londres. Segundo Perry, quando não estava deixando sua marca em todo o oeste de Londres, Lee “Kix” Thompson tocava saxofone com *Madness*, junto com o tecladista *Mike Barson*, conhecido pelo apelido de “Mr B”.



Foto 4 - Crédito: Roger Perry

A imagem acima se destaca entre as fotos de Roger Perry por não ser anônima. A maioria das obras que ilustram o livro *The Writing in the Wall* expressa al-

gum tipo de sentimento de grupo; seja a falta de moradia popular ou as manifestações de afinidade com o IRA, os grafites costumam reunir vozes de um determinado segmento da sociedade que não é ouvido. O grafite pode até parecer mundano para o observador moderno, mas ter chegado a tais superfícies em primeiro lugar significa que esta arte popular deve ser de grande valor para aqueles que se expressam por meio da linguagem verbal. Um bom exemplo disso é a mensagem “Clapton é Deus” abaixo. A mensagem tornou-se onipresente nas paredes de Londres na década de 1970, não tendo um único artista popular demarcando o espaço da cidade, mas como um espaço comum de quebra de fronteiras na cidade Londrina. Observemos:



Foto 5 - Crédito: Roger Perry

A mensagem trazida na imagem do grafite, acima, é carregada de ironia com o discurso religioso cristão, ao comparar Eric Clapton, cantor britânico, a Deus. O discurso religioso cristão foi alvo no pós-guerra londrino, ao se abrirem as fronteiras das possibilidades de se combaterem abertamente este discurso, em prol de um discurso que emergia uma ideologia próxima de uma imagem despojada de religiosidade ou mesmo do discurso de um deus uno e soberano.

Embora a maioria das mensagens “Clapton é Deus” não tenha sido solicitada (além da anterior, é claro), na década de 1970 o grafite foi adotado por agências de publicidade como marketing de guerrilha. Hoje esta é uma prática comum, mas na época era nova, principalmente quando os *Rolling Stones* decidiram usar o meio para a promoção de seu álbum de 1974, *It's Only Rock 'n' Roll*. À época, a tática marca a ideia do que deveria ser uma forma poderosa e independente de expressão do indivíduo, não uma forma de vender discos.

Os grafites nas fotos de Roger Perry estão tão distantes do livro seminal *Subway Art*, de Martha Cooper e Henry Chalfant, que realmente não poderíamos compará-los. O que estava acontecendo em Londres na época era uma bolha cultural por meio da arte popular do grafite, por meio de um grafite carregado de linguagem verbal. Ou melhor, por meio de linguagens. Em Londres, segundo Perry, não houve influência dos Estados Unidos que, por sua vez, também não recebeu influência da cidade londrina.

Atualmente, esta diver(cidades) de trocas da cena londrina, a partir da influência do grafite Nova Yorkino, é muito mais evidente. Mas, esta influência não destitui Londres de uma identidade própria. A cidade de Londres traz uma abordagem exclusivamente inglesa para sua arte popular do grafite, carregado de humor subversivo e sentimento sincero, algo quase totalmente ausente na maioria dos trabalhos artísticos atuais. Mudanças significativas são recorrentes na arte do grafite, uma vez que mudam-se as cores e estas, por sua vez, retratam a identidade da cidade e de parcelas de sua população.

Estudos atualizados sobre linguagem e arte popular, especialmente *hip-hop* e *graffiti*, como artes de rua, têm focado no estilo e na construção da identidade de um único participante (por exemplo, Cutler, 1999) e inovação nas *performances* (por exemplo, Morgan, 2002), mas não aborda a inovação linguística e a mudança mais ampla nas mensagens transmitidas. Em consequência, para a arte popular o que conta é a mensagem, a intenção de falar e expressar sua voz por seus sentimentos, seja raiva ou amor. Por trás dessas vozes se escondem histórias de pessoas reais que lutam com armas (poesias, músicas, gírias, gestos etc.)

Assim, a arte popular do grafite supera um mundo de “discurso silenciado”, permitindo que os excluídos representem as ideologias discursivas dessas vozes silenciadas pela sociedade.

Quebrando o silêncio

Como consequência do crescimento das diferenças socioeconômicas, as manifestações sociais protagonizadas por jovens que se sentem excluídos e tentam transmitir isso, expressando suas vozes silenciadas na arte popular, têm aumentado paralelamente. Atualmente, isso pode ser observado, fortemente, pela expressão popular das ruas, tais como: pelo *hip hop*, *rap*, *break*, *graffiti* etc. Formas estas de retratar ideologias juvenis e desacordos com o sistema social hegemônico e excludente.

Normalmente, em Londres, assim como em cidades americanas, são negros e latinos que são associados pela sociedade como membros de gangues ou traficantes que compõem essas expressões populares. Por um lado, esses jovens se sentem excluídos devido ao racismo e, conseqüentemente, tentam expressar suas vozes na arte. Por outro lado, o governo e a classe alta da sociedade preferem ignorar essas questões que ocorrem na vida cotidiana real.

Nesse contexto global e complexo, nos perguntamos sobre as possibilidades de criação de um ambiente social representado pela pobreza, exclusão e violência, mas, também, marcado pela pluralidade, consumo e anomia de elementos simbólicos. Sob essa abordagem dialética, buscamos os vínculos construídos com uma cultura em que os jovens lutam com as expressões artísticas. Nessas condições, o que o *hip-hop* e a expressão do *graffiti* podem realizar?

Dois conceitos, presentes tanto no *hip-hop* quanto no *graffiti*, são aqui trazidos: “movimento” e “arte visual”, porém, não respondem à questão acima. Elementos visuais simbólicos, mas também luta contra os padrões culturais.

Nesta perspectiva de globalização cultural, verificamos que ao interagir com os signos intensos da cidade, os dançarinos de rua e os grafiteiros procuram comunicar suas percepções, entrelaçando sua expressão artística autêntica com a sensação ambiental em que estão imersos. Eles são atores e produtos do sistema social ao mesmo tempo. São trespassados pelos seus discursos ideológicos na luta pelos seus direitos mas também pela exclusão social do poder hegemônico. Ou seja, as forças da arte popular, como campo generalizado de discursos ideológicos, não influenciam diretamente a linguagem, mas as realizam como mediadoras interligadas por suas próprias ideologias, tais como: criação de linguagem; situações de contato; criação de comunidades de prática baseadas em subculturas; organização de hierarquias sociais e variação linguística dentro de subculturas, e definição e distribuição de capital subcultural que fazem as diver(cidades) dentro do espaço urbano de uma única cidade.

Conseqüentemente, com o passar do tempo, o *hip-hop* e o *graffiti* se espalharam de lugares marginalizados para centros turísticos urbanos e lugares com forte poder político. A juventude não se sente desamparada diante dos tumultos da vida contemporânea, mas envolve-se dançando no ritmo dos tumultos sociais, criando uma linguagem simbólica performada por sua arte popular para instaurar esse processo de intensa transformação social. O mesmo processo ocorre com o grafite que busca expressar o discurso ideológico da juventude que se sente socialmente silenciada, buscando um meio artístico para afirmar: “Eu existo e tenho voz”. Tanto o *hip-hop* quanto o *graffiti* expressam um discurso social e ideológico, garantindo a mobilização da juventude urbana, mostrando à sociedade seu poder, existência e identidades sociais das novas gerações. As identidades emergem pela insatisfação social de jovens marginalizados que se sentem excluídos socialmente e tentam, por meio da arte, subverter os padrões sociais impostos pela hegemonia.

Com a defesa do mestrado muitas indagações surgiram com a relação à cultura popular da região que estudei. A fim de dar continuidade e tentar resolvê-las, decidi prestar seleção para o doutorado do IEL, no ano de 2003. O projeto tratava do mesmo tema da cultura popular, em Pernambuco, porém com um olhar diferente do que havia tido durante o mestrado.

Justifico a escolha da arte popular do grafite, para a investigação do espaço urbano da cidade de Londres, a partir das imagens coletadas por Roger Perry, em livro *The Writing on the Wall*, para trazer à baila na discussão deste texto e, especificamente, das manifestações da arte popular do grafite como um sistema simbólico e linguístico, se é que podemos desvencilhar estes termos, pelo fato de ter percebido uma “crise de identidade” nesse âmbito social por ocasião do contato com outras ideologias culturais remanescentes na cidade de Londres. Além disso, também verifiquei a presença de um aspecto não-conformista dos atores sociais deste cenário da arte popular do grafite, na cidade londrina, como forma de contestação às normas culturais ditadas por práticas discursivas de setores hegemônicos daquele espaço urbano. Nesse sentido, houve uma necessidade de se levar em consideração que a “dimensão estética da vida social e cultural nas comunidades humanas se manifesta por meio do uso de linguagens. Há, conseqüentemente, a emergência de uma identidade social, através de uma vinculação com a memória coletiva do espaço urbano londrino, com o que se estabelece uma formação social. Desta maneira, ao considerar os grafites, coletados por Roger Perry, entendidos, aqui, como manifestações de recursos linguísticos por parte dos falantes que (co)construem

uma diver(cidades) que confluem em uma identidade social, considere a forma como a linguagem é mobilizada e percebida para a ideia de construção do espaço urbano de Londres. Isto é, os enunciados, vistos acima nas imagens do grafite, servem como “um modo de comunicação” que aponta para a experiência de vida da comunidade e sua vinculação com a arte popular. Em outras palavras, as identidades sociais emergem no conglomerado de enunciados que representam a arte popular do grafite no período do pós-guerra que marca o espaço urbano londrino.

Por fim, um outro motivo que me chamou a atenção para focar minha discussão nesse cenário cultural foi a efervescência marcante, no espaço urbano londrino, de um hibridismo cultural, mas, ao mesmo tempo, marcado por um discurso de manutenção de uma “tradição”. Observei como os discursos sociais da arte popular do grafite, em Londres, espaço urbano efervescente de diver(cidades) são representados pelos próprios agentes sociais e por setores midiáticos que procuram reportar a voz “outro” a partir da perspectiva de um “eu” discursivo.

Referências

- Cutler, C. (1999). Yorkville crossing: White teens, hip hop, and African American English. *Journal of Sociolinguistics*, 3, 428-442.
- Morgan, M. (2002). *Language, discourse, and power in African American Culture*. New York: Cambridge University Press.
- Perry, R. (1976). *The Writing on The Wall*, London: Elm Tree Books.